



**TEORIA
KING KONG**

**VIRGINIE
DESPENTES**

TRADUÇÃO LUÍS LEITÃO

ORFEU
NEGRO

OBRA PUBLICADA COM O SEGUINTE APOIO
Centro Nacional do Livro – MINISTÉRIO DA CULTURA FRANCÊS

OUVRAGE PUBLIÉ AVEC LE SOUTIEN SUIVANT
Centre national du livre – MINISTÈRE FRANÇAIS CHARGÉ DE LA CULTURE

TÍTULO ORIGINAL
King Kong Théorie

AUTORA
Virginie Despentes

TRADUÇÃO
Luís Leitão

REVISÃO
Nuno Quintas

CONCEPÇÃO GRÁFICA
Rui Silva | www.alfaiataria.org

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

COPYRIGHT
© 2006 Éditions Grasset & Fasquelle
© 2016 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO
Lisboa, Setembro 2016

DL xxxxxx/16
ISBN 978-989-8327-85-7

ORFEU NEGRO
Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º
1250-257 Lisboa | Portugal | +351 21 3244170
info@orfeunegro.org | www.orfeunegro.org

Para Karen Bach,
Raffaëla Anderson
e Coralie Trinh Thi

— |

| —

— |

| —

TENENTES CORRUPTAS¹

Escrevo da terra das feias, para as feias, as velhas, as machonas, as frígidas, as malfodidas, as infodíveis, as histéricas, as taradas, todas as excluídas do grande mercado das gajas boas. E começo por aqui para que as coisas sejam claras: não peço desculpa de nada, não me venho lamentar. Não troco o meu lugar com ninguém, porque ser Virginie Despentes parece-me uma tarefa mais interessante de cumprir do que qualquer outra.

Acho óptimo que haja também mulheres que gostam de seduzir, que sabem seduzir, outras arranjar marido, mulheres que cheiram a sexo e outras a bolo do lanche das crianças que saem da escola. E óptimo que haja umas muito meigas, outras esfuziantes na sua feminilidade, que haja mulheres jovens, muito belas, outras vaidosas e flamantes. A sério que fico muito contente por todas aquelas a quem as coisas tal como são convêm. Isto sem a mais pequena ironia. Acontece, porém, que não me integro nesse grupo. É claro que não escreveria o que escrevo se fosse bela, tão bela que fizesse mudar a atitude de todos os homens com quem me cruzo. É na minha qualidade de proletária do feminismo que falo, que falei ontem e

¹ No original «*Bad Lieutenantes*», do inglês *Bad Lieutenant*, tenente (da polícia) corrupto. (NT)

que recomeço hoje. Quando recebia o RSI, não sentia vergonha nenhuma por ser uma excluída, sentia apenas raiva. É a mesma que sinto enquanto mulher: não tenho a mínima vergonha de não ser uma gaja superboa. Em contrapartida, fico verde de raiva que, enquanto rapariga que interessa pouco aos homens, me estejam sempre a dar a entender que nem sequer devia existir. Ora, nós sempre existimos. Embora não haja sombra de nós nos romances de homens, cuja imaginação é apenas povoada por mulheres com quem gostariam de ir para a cama. Sempre existimos, nunca falámos. Mesmo hoje, em que as mulheres publicam imensos romances, raramente encontramos personagens femininas com físicos ingratos ou medíocres, incapazes de amar os homens e de se fazerem amar por eles. Pelo contrário, as heroínas contemporâneas amam os homens, encontram-nos facilmente, deitam-se com eles em dois capítulos, gozam em quatro linhas e gostam todas de sexo. A figura da falhada da feminilidade é-me mais do que simpática, é-me essencial. Exactamente como a figura do falhado social, económico ou político. Prefiro aqueles que não têm sucesso, pela boa e simples razão de que eu própria também não tenho muito; e de que, em termos gerais, o humor e a imaginação se situam mais do nosso lado. Quando não temos o que é preciso para dar nas vistas, somos muitas vezes mais criativos. Sou uma rapariga mais do tipo King Kong do que Kate Moss. Sou o tipo de mulher com quem não se casa, com quem não se tem um filho, falo da minha posição de mulher que é sempre demasiado em tudo o que é, demasiado agressiva, demasiado ruidosa, demasiado grosseira, demasiado brutal, demasiado hirsuta, sempre demasiado viril, dizem-me. Porém, são as minhas qualidades viris que fazem de mim qualquer coisa diferente de um caso social

entre os outros. Tudo de que gosto da minha vida, tudo o que me salvou, devo-o à minha virilidade. É pois aqui, enquanto mulher inapta para atrair a atenção masculina, para satisfazer o desejo masculino e para me satisfazer com um lugar à sombra, que escrevo. É daqui que escrevo, enquanto mulher não sedutora, mas ambiciosa, atraída pelo dinheiro que eu própria ganho, atraída pelo poder de fazer e de recusar, atraída pela cidade e não pelo interior, sempre excitada pelas experiências e incapaz de me satisfazer com o relato que me hão-de fazer delas. Estou-me nas tintas para dar tesão a homens que não são o meu sonho. Nunca me pareceu evidente que as raparigas sedutoras tivessem assim tanto gozo com isso. Sempre me senti feia, e acomodo-me tanto melhor a essa circunstância quanto foi precisamente ela que me salvou de uma vida de merda a gramar tipos simpáticos que nunca me teriam levado mais longe do que a linha azul dos Vosges. Estou contente comigo assim como sou, mais desejosa do que desejável. Escrevo, pois, daqui, da terra das que ficaram por vender, das malfeitonas, das que têm a cabeça rapada, das que não se sabem vestir, das que têm medo de cheirar mal, das que têm os dentes podres, das desajeitadonas, das que os homens não poupam, das capazes de foder com qualquer homem que as queira, das grandes putas, das pequenas desavergonhadas, das que têm a rata sempre seca, das que têm grandes bandulhos, das que gostavam de ser homens, das que se tomam por homens, das que sonham ser actrizes pornográficas, das que se estão a marimbar para os gajos mas que se interessam pelas amigas deles, das que têm um grande rabo, das que têm pêlos abundantes e bem negros e que não se depilam, das mulheres rudes, barulhentas, das que arrasam tudo à sua passagem, das que não gostam de perfumarias, das que põem um *blush*

demasiado vermelho, das que são demasiado malfeitas para poderem enfarpear-se como engatatonas mas que morrem de vontade de o fazer, das que querem usar roupa de homem e barba na rua, das que querem mostrar tudo, das que são pudicas por complexo, das que não sabem dizer não, das que são fechadas para serem submetidas, das que metem medo, das que metem pena, das que não fazem inveja, das que têm a pele flácida e rugas por todo o rosto, das que sonham com fazer um *lifting*, fazer uma lipoaspiração ou partir o nariz para o refazer mas que não têm dinheiro para isso, das que já não se parecem com nada, das que só contam consigo próprias para se protegerem, das que não sabem dar segurança, das que não querem saber dos filhos, das que gostam de beber até rebolarem no chão nos bares, das que não sabem como proceder; tal como, ao mesmo tempo, para os homens que não têm vontade de ser protectores, os que o queriam ser mas que não sabem como, os que não sabem lutar, os que choramingam por tudo e por nada, os que não são ambiciosos, nem competitivos, nem bem dotados, nem agressivos, os que são medrosos, tímidos, vulneráveis, os que prefeririam tratar da casa em vez de ir trabalhar, os que são delicados, calvos, demasiado pobres para agradar, os que têm vontade de levar no cu, os que não querem que contemos com eles, os que têm medo de ficar sozinhos à noite.

Porque o ideal da mulher branca, sedutora sem ser puta, bem casada mas apagada, que trabalha mas sem fazer grande carreira, para não apoucar o seu homem, magra mas sem ser neurótica com a comida, que permanece sempre jovem sem se deixar desfigurar pelos cirurgiões de estética, mamã venturosa sem estar obcecada pelas fraldas nem pelos trabalhos de casa, boa dona de casa sem ser a sopeira tradicional,

culta mas menos do que um homem, essa mulher branca que nos agitam constantemente à frente do nariz, aquela que nos devíamos esforçar por copiar, à parte ter ar de se chatear a fundo por tudo e por nada, de qualquer maneira nunca me cruzei com ela, em lado nenhum. Acho mesmo que não existe.